
ESTUDANDO EM “TERMOS” A LÍNGUA INDÍGENA PYKOBJÊ GAVIÃO

AMADO, Rosane de Sá¹
SILVA, Talita Rodrigues da²

Resumo: Este artigo tem a finalidade de apresentar e discutir a pesquisa realizada durante a Iniciação Científica, que se estendeu de outubro de 2007 a novembro de 2008, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane de Sá Amado. Ao longo desse estudo, descrevemos e analisamos aspectos recorrentes na formação de palavras da língua indígena pykobjê gavião, tendo vistas, sobretudo, à análise de um aspecto semântico-morfológico específico, os “termos de classe”.

Palavras-chave: Língua Indígena Brasileira; Morfologia Derivacional; Semântica Lexical.

ABSTRACT: *This article has the purpose of showing and discussing the research realized during the Cientific Iniciation, that enlarged of October of 2007 to November of 2008, under the care of the teacher and doctor Rosane de Sá Amado. During this study, we described and analysed some regular aspects in the formation of the words of Pykobjê Gavião, an indigenous language, looking for, over all, the analyse of a Morfological and Semantical specific aspect, the “noun incorporation of relatively generic nouns stems”.*

Keywords: *Brazilian Indigenous Language; Derivational Morphology; Lexical Semantic.*

1. Introdução

O Brasil é um país essencialmente plurilíngue. Em seu extenso território são falados, simultaneamente, cerca de 180 idiomas, dentre os quais somente a língua portuguesa é tida como o idioma oficial da nação desde 1757 quando o então ministro português, Marquês de Pombal, apresentou a lei denominada por “Diretório que se deve observar nas povoações dos índios do Pará e Maranhão”, em que ficou proibida por decreto de lei a comunicação em todo o território nacional em idioma que não fosse o português, ou seja, o mesmo falado em Portugal, o país colonizador do Brasil (SILVA, s/d).

Com tal medida, almejava-se unificar ideológica e culturalmente dominado e dominador. Assim, ficou proibido o uso corrente da denominada “Língua Geral”, da qual encontramos atualmente poucos exemplos escritos, que, contudo, nos permitem observar sua aproximação linguística em relação ao Tupi Clássico, o qual fora documentado pelo Padre José de Anchieta em

¹ Docente pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² Bacharel e Licenciada em Português e Linguística pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; atualmente, cursa Mestrado pelo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da mesma instituição em que se graduou.

sua obra denominada *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1990). Segundo relato de historiadores seiscentistas, a Língua Geral era tão vulgar pelo Brasil que as crianças a adquiriam como língua mãe em detrimento da língua portuguesa.

Por ser tão corriqueira, apesar do decreto pombalino, a Língua Geral perdurou até a segunda metade do século XVIII como idioma em uso. Sabemos, ainda, não ser raro encontrarmos comunidades indígenas afastadas dos grandes centros urbanos que usam essa língua como única forma de comunicação verbal.

De modo similar, continuaram existindo, simultâneos à língua portuguesa, muitos outros idiomas que são falados pela população nativa pré-cabralina do Brasil, os denominados *índios*. Sobretudo, mantiveram-se a pureza linguística e cultural onde a fiscalização de Pombal não podia chegar, ou seja, nos recônditos do território nacional e entre tribos que, por algum motivo, mantiveram-se à margem do processo de colonização e urbanização. Esse é o caso da língua que estamos estudando, o pykobjê.

O pykobjê é uma língua falada ao sul do estado do Maranhão por uma população denominada de Gavião do Maranhão, a qual é composta por cerca de 540 indivíduos, dividida em três aldeias do município de Amarante, segundo dados do CTI¹ (Centro de Trabalho Indigenista), uma organização não-governamental atuante há mais de duas décadas entre esse povo. As aldeias são: Governador, Rubiácea e Riachinho.

Os Gavião do Maranhão foram contatados pela primeira vez somente no século XVIII (NIMUENDAJÚ, 1946). No entanto, há apenas nove anos foram empreendidos estudos linguísticos nessa língua, com enfoque para os campos da fonologia e da morfologia flexional e derivacional em Sá (1999) e Amado (2004).

2. De que “termos” estaremos tratando?

A concepção de “termos de classe” precisa ser muito bem apreciada antes de partirmos ao estudo desenvolvido, por ser essa teoria o pilar sobre o qual nos orientaremos para o estudo prático sobre a formação de palavras em pykobjê.

Os termos de classe são, segundo Mithun (1984, p. 867), uma forma de incorporação em que os termos incorporados são “*relatively generic N's stems*”, isto é, raízes nominais relativamente genéricas, ou raízes de baixo escopo (“*narrow scope N's stems*”). Essas raízes se unem a outros itens lexicais e podem gerar vocábulos semanticamente inusitados. As mesmas raízes incorporadas a

diversos itens lexicais formam palavras pertencentes à mesma classe semântica. Mithun diz, ainda, que o termo de classe mais comum entre as línguas naturais é o que designa a mente (“*mind*”).

Buscamos, assim, termos que designassem aspectos relativamente específicos, como forma, tamanho ou função e que fossem recorrentes em séries de itens lexicais cujo escopo semântico fosse “próximo”.

2.1. Explanando sobre a língua pykobjê em intersecção com a teoria sobre os termos de classe

O pykobjê é uma das oito línguas que fazem parte do Complexo Timbira, segundo Rodrigues (1986). Mais especificamente, o pykobjê é membro da família Jê, tronco linguístico Macro Jê.

Nesse tronco, como estudos revelam, existem línguas em que há termos que designam formas geométricas, partes de corpos ou de animais, isto é, termos de classe. Tais termos ocorrem, por exemplo, em panará, uma língua da família Jê setentrional, segundo Dourado (2001), em apãniekrá-canela, de acordo com Alves (2004) e em parkatejê-gavião, como refere Ferreira (2003), sendo essas duas últimas línguas membros do Complexo Timbira.

Assim, seria perfeitamente natural haver termos de classe na língua pykobjê-gavião, segundo Amado (2004) refere e nós buscamos ratificar ao longo deste estudo.

3. Desvendando os “termos de classe” em Pykobjê

Ao longo de nossa pesquisa encontramos exemplos de incorporação nominal com termos recorrentes, tal qual prevê o conceito de “termos de classe”, apresentado por Mithun e exposto acima.

Desse modo, somos levados a acreditar que estamos lidando com um tipo específico de incorporação nominal dentre os demais descritos e analisados por Mithun (1984). Assim, partimos da hipótese de que o pykobjê seja uma língua em que existem incorporações por meio de termos de classe.

Partindo desse pressuposto, selecionamos raízes nominais com função de termos de classe e as separamos em níveis semânticos e morfológicos. Morfologicamente, dividimos os termos de classe selecionados em prefixais e sufixais.

No entanto, é bom ressaltarmos que sobre o único termo de classe prefixal encontrado, o {a?}, paira a dúvida de estarmos lidando com um prefixo generalizador e não, propriamente, com um termo de classe. Isso porque os vocábulos encontrados podem aparecer dissociados do prefixo {a?},

desde que tenha sido mencionado a que esses vocábulos de relacionam, ou tenha sido apresentada uma situação de posse.

Contudo, deixemos essa contenda aos próximos estudos que, certamente, serão feitos nesse sentido.

3.1. Termo de classe prefixal ou prefixo generalizador?

aʔ	Designa objetos ou seres, em geral, que não são ou não podem ser possuíveis. Como criança (aʔkrəre), em que não se trata de uma criança em especial, mas de “criança” em geral, o mesmo servindo para “menino” e “menina” e os demais exemplos apresentados.
aʔ + rə̃	Flor (geral + que gerou flor)
aʔ + tʃu	Fruto (geral + que gerou fruto)
aʔ + hə̃ ^h	Semente (geral + termo de classe que designa semente)
aʔ + tʃi	Corda (geral + o que une)
aʔ + kru	Cipó (geral + fino)
aʔ + kru + re	Timbó, raiz envenenada para peixe (geral + fino + pequeno)
aʔ + krit + thu	Folha do cajueiro (geral + caju + árvore)
aʔ + krit + tʃu	Caju (geral + caju + fruto)
aʔ + krit + thə̃ ^h	Castanha de caju (geral + caju + semente, grão)
aʔ + krit + pər	Cajueiro (geral + caju + pé)
aʔ + krit + re + tʃu	Cajuim (geral + caju pequeno + fruto)
aʔ + krəj + re	Crianças (geral + cria, filhote + humano)
aʔ + krə + re + tʃōm + re	Menino (geral + cria, filhote + humano + masculino)
aʔ + krə + re + ka + hǽj	Menina (geral + cria, filhote + humano + feminino)
aʔ + jē̃ ^h	Carne (geral + carne)
aʔ + kə + re	Tiririca
aʔ + tʃə + krəkək	Guizo

3.2. Termos de classe sufixais

São termos que só atuam depois da raiz a qual se afixam. Esses são os denominados termos de classe sufixais.

Dentre os termos sufixais daremos destaque, inicialmente, aos sufixos que designam graus, isto é, aumentativo e diminutivo, respectivamente. Embora esses sufixos possam ser usados na língua apenas como designativos de tamanho, não raros são os vocábulos em que esses termos estão

incorporados à forma nominal de modo a referir uma noção de porte, formando, assim, um item lexical, a princípio, inusitado para um falante não-nativo de pykobjê. Vejamos os exemplos:

re	Diminutivo. Atua na formação de palavras semelhantes, apresentando apenas o grau diminutivo, como vemos abaixo, mas também aparece como parte de substantivos, cuja relação com o primitivo, forma palavras “novas” para falantes do português brasileiro (PB), conforme apresentamos
karə	Veado
karə + re	Veadinho
kɔ ^h tõ	Minhoca, verme
kɔ ^h to + re	Minhoquinha
ra: + re	Tatu pequeno
tom + re	Tatu pequeno da chapada
aʔ + toʔ + re	Lambuzinho
k ^h ẽkrun + re	Curto
mẽk + re	Uretra (“buraquinho” por onde sai a urina)
tʃõtʃãkto + re	Pintinho
entotk ^h + re	Nádegas
ejkritk ^h + re	Buraco nariz (buraquinho)
wajkanre + re	Redemoinho (ventinho)
wakə	Faca
wakə + re	Peixerinha (faca pequena)
aʔ + kru	Cipó
aʔ + kru + re	Timbó, raiz envenenada que serve à pesca (cipó pequeno)
amtʃə	Abelha
amtʃə + re	Marimbondo (que faz casa na árvore) = abelha pequena
k ^h up	Mosca
k ^h up + re	Mosquito (mosca + pequeno)
rop	Onça
rop + re	Gato (onça + pequeno)

te	Sufixo que designa o grau aumentativo do substantivo. Assim como ocorre com o sufixo do grau diminutivo, que vimos acima, este sufixo também pode indicar, simplesmente, uma forma maior de dado objeto ou ser vivo, bem como, uma nova designação. Lembremos que em outros idiomas indígenas, como o Tupi clássico, por exemplo, esse mesmo processo já ocorria. Para o diminutivo, com os sufixos miri, como em mboî-miri, que significa cobrinha (mboîa = cobra) ou o 'i, como em kunhata'i, que significa menina (kunhatã = mulher). Com o aumentativo, o mesmo caso se mantém, por meio do sufixo (r)usu, como ocorre, por exemplo, com a palavra que designa navio, ygarusu (ygara = canoa), ou seja, canoão. Para maiores detalhes cf. Navarro (2006).
kati: + te	Estrela grande
pihəɾɛ ^h	João-de-barro
pihə + te	João-de-barro grande
kahowkrakra + te	Formigão preto
põ	Chapada
põ + te	Pasto (chapada grande)
kuka + te	Rio (água comprida)
pə ^h ka: + te	Areia
a:kot	Morro
a:kot + te	Montanha (morrão)
k ^h rij + te	Arara (pássaro grande)
mã + te	Ema (ave grande)
pjik + te	Perdiz
hum + te	Galo
ka:po + te	Lumbu grande da mata
kaŋgã	Cobra
kaŋgãha + te	Surucucu
rõ: + te	Coco da praia (coco grande, diferente dos de terra)
amtʃo	Rato
amtʃo + te	Ratazana (rato + grande)
harrə	Saliva
harrə + te	Baba (saliva + em excesso, grande salivação)

Além disso, encontramos outros termos de classes sufixais ligados ao desígnio do Reino Animal (ser humano ou seres animais), que julgamos pertinente apresentar. Vejamos abaixo:

kro	Designa pintas ou manchas em geral, servindo como um adjetivo qualificador de animais, por exemplo.
rop + kro	Onça pintada (onça + pinta)
ejk ^h ə + kro	Pinta (pele + pinta)
ěku	Designa chifres de animais. Assim, temos:
prate ^h + jěku	Chifre do boi
jatʃə + jěku	Chifre do veado
hěku	Chifre (h- marca de 3ª pessoa)
apə^h	Rabo, cauda de animal
tʃo: + japə ^h	Rabo do cachorro
hapə ^h	Rabo (h- marca de 3ª pessoa)

Há termos de classe sufixais que se relacionam a membros do corpo. Vejamos abaixo:

k^hõn	Elo, o que serve para unir membros do corpo
ejpa: + k ^h õn	Pulso, cotovelo (braço + o que liga)
pər + k ^h õn	Tornozelo (pé + o que liga)
ara	Indica a parte motora superior dos seres animados que andam sobre dois membros (exs.: braço, asa, pena do gavião)
jara	Meu braço
a: + jara	Seu braço
hara	Braço dele
hara	Asa, pena
hək + jara	Asa, pena do gavião

Já no Reino Vegetal, destacamos os seguintes termos sufixais de classe:

põ	Elemento do campo vegetal que indica a chapada
põ	Chapada
põ + hə ^h	Milho – vegetal em forma de grão (vegetal + grão)
põ + te ^h	Pasto, chapadão (campina grande)
hə^h	Designa o fruto que ainda está em forma de grão, isto é, que ainda não se desenvolveu plenamente
a? + hə ^h	Semente (geral, sem designação específica + grão)

pratʃē + hə ^h	Semente de melancia
hotre + hə ^h	Semente de catolé
aʔkrit + hə ^h	Castanha de caju
kotʃəmre + hə ^h	Semente vermelha (olho-de-cabra)
pamre + hə ^h	Semente preta (do colar)
ʃu	Designa o fruto
aʔ + ʃu	Fruto
krow + ʃu	Fruto do buriti
aʔ krit + ʃu	Caju
aʔ kritre + ʃu	Cajuim
pər	Designa o pé de fruto ou de ser humano
aʔkrit + pər	Cajueiro
ej + pər	Meu pé
awər + pər	Pé de inajá
rǝ	Designa a flor
aʔ + rǝ	Flor
rǝj + rǝ	Flor de laranjeira
mak + rǝ	Flor de mangueira
ari	Designa a raiz das plantas, porque é um termo que define aquilo que sustenta sem ser visto
pē: + jari	Raiz (árvore + o que sustenta e não é visto)
hari	Raiz

Encontramos, também, termos de classe que designam tanto elementos do Reino Vegetal quanto do Reino Animal. Seguem abaixo:

k^hə	Tipo de invólucro: do corpo humano/animal ou da árvore. Pode, também, designar a película que protege a saída do leite materno.
k^hə	Pele, couro, seio
kawaru + k ^h ə	Casco do cavalo (cavalo + invólucro)
prə ^h tə ^h + k ^h ə	Seio da vaca, leite (leite + invólucro)
pē: + k ^h ə	Casca da árvore (árvore + invólucro)
krat	Designa o tronco das árvores e o cotovelo dos seres animais, ambas as partes rígidas e de sustentação dos seres

pē: + krat	Tronco (árvore + o que sustenta)
pa + krat	Cotovelo (braço + o que sustenta)
hu	Designa a folha ou o pelo, ou seja, aquele elemento que recobre os seres vivos
aʔ + hu	Folha
pɔp + hu	Folha de bananeira
rãj + hu	Folha de laranjeira
mak + hu	Folha de mangueira
krow + hu	Folha do buriti
aʔkrít + hu	Folha do cajueiro
rõre + hu	Tucum
awər + hu	Inajá
toʔ + hu	Sobrancelha (olho + pelo)
jari + hu	Barba (o que não é visto + pelo, os índios não têm o hábito de permitir que a barba cresça)
pa + hu	Pêlo do braço (paʔ=braço + hu=pelo)

Também, nos foi possível observar termos de classes que são utilizados apenas para designar objetos inanimados. Vejamos abaixo:

tʃi	Elo, o que serve para unir coisas
aʔ + tʃi	Corda (geral + o que o serve para unir)
hõkre + tʃi + tʃə	Colar
rõre + tʃi	Cinto (de moça)

Há termos que servem para designar tipos de alimentos, como espécies de verduras ou legumes, de acordo com características perceptíveis pelo paladar (ex. seco) ou visualmente (ex. vermelho). Segue abaixo:

krə	Alimento não-pastoso ou úmido, de aspecto farináceo
krə	Seca (época do ano, verão)
k ^h wir	Mandioca brava
k ^h wir + krə	Farinha de mandioca (mandioca + seco)
tʃum	Alimento em forma de massa, que foi amaciado pelo processo de cozimento
hum	Massa (com alternância fonética, cf. AMADO, 2004)

k ^h wirpes + tʃum	Massa de mandioca, macaxeira (mandioca + comestível + massa)
k ^h wirkaho + tʃum	Massa de mandioca brava (mandioca + “brava” + massa)

Por fim, encontramos um termo de classe que está ligado ao campo das relações familiares ou entre povos. Este termo é recorrente em muitas línguas Jê e nos exemplos abaixo apresentamos suas formas variantes para outros falares Jê.

ji / je	Designa não só o povo Jê, como as relações de parentesco existentes, funcionando, assim, mais ou menos como o in-law do idioma inglês. Há a hipótese de que esse termo derive da palavra Jê por alçamento vocálico, pois a alternância entre [i] e [e] é uma das variações mais comuns entre as variantes timbira. Enquanto os grupos pykobjê e krinkati usam a variante [i], os grupos apanjekrá, ramkokamekrá e krahô usam [e] e vice-versa.
me + hi	Povo (a/jê ^h = carne – minha carne)
marant kati + ji	Povo de Amarante
riaʃin kati + ji	Povo de Riachinho
ji	Parente (quando se casa, ‘in-law’)
jõpən + ji	Minha nora (sogro falando)
a:jõpən + ji	Sua nora
hõpən + ji	Nora dele
jõpən. + ji	Cunhada (irmãos do marido falando)
ejpējõ + ji	Meu genro (sogro ou sogra falando)
a:pējõ + ji	Seu genro
eʔpējõ + ji	Genro dele
prejkit + ji	Meu sogro (esposa falando)
prejkis + ji	Minha sogra (esposa falando)
awpre + je	Cunhada (esposa falando)
tøk + je	Cunhado (esposa falando)
pəjkit + je	Meu sogro (marido falando)
ejpən. + je	Minha sogra (marido falando)
ejpən. + je	Cunhada (marido falando)
ejpã + je	Cunhado (marido falando)
ejtʃjehapõnk + ji	Irmã da mãe (do meio)
metikjõp + ji	Cemitério
krejpəkati + ji	Povo Kreje (aldeia Geralda)

4. Considerações Finais

Por meio deste artigo buscamos ampliar as informações acerca da língua pykobjê gavião, que como tantas outras faladas no Brasil, apresenta importantes questões linguísticas que não foram perscrutadas ainda em sua plenitude.

Nesse trabalho científico, tratamos de um assunto específico da morfossemântica derivacional das línguas naturais, a teoria acerca dos “termos de classe”. E almejamos ao longo do mesmo ratificar a hipótese de que o pykobjê seja uma língua em que há termos de classe, bem como ocorre em outras línguas do Complexo Timbira e da Família Jê Setentrional.

No entanto, como nenhuma pesquisa é fechada e definitiva, postou-se a dúvida, a ser esclarecida em estudos posteriores, sobre a classificação real do único prefixo encontrado cuja raiz é recorrente, o {a?}. Seria este, de fato, um termo de classe prefixal ou seria antes um prefixo generalizador?

Dúvidas à parte, observemos o grande intuito dos estudos em língua indígena, que é nos voltarmos às nossas origens linguísticas e socioantropológicas. Pois, ao fazermos isso, estamos contribuindo mais do que às ciências específicas; estamos, na verdade, fomentando a descoberta de uma identidade nacional, descobrindo o “ser” brasileiro.

5. Referências Bibliográficas

ALVES, F. C. **Traços classificatórios dos nomes e verbos em Timbira Apãniekrá**. Comunicação apresentada no Simpósio em Linguística Antropológica no NHII/USP (manuscrito), 2004.

AMADO, R. S. **Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê**. 2004. Tese. (Doutoramento em Semiótica e Linguística Geral)-Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2004.

ANCHIETA, J. **Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

DOURADO, L. **Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê)**. 2001. Tese. (Doutoramento em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2001.

FERREIRA, M. N. O. **Estudo morfossintático da língua Parkatejê**. 2003. Tese. (Doutoramento em Linguística)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2003.

MITHUN, M. The evolution of noun incorporation. **Language**, [S.l.], vol. 60, n° 4. p. 847-94, 1984.

NAVARRO, E. A. **Método moderno de Tupi antigo**. São Paulo: Editora Global, 2006.

NIMUENAJÚ, C. **The Eastern Timbira**. Berkeley and Los Angeles: University of California Publications in American Archeology and Ethnology, vol. 41, 1946.

RODRIGUES, A. D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola, 1986.

SÁ, R. M. **Análise fonológica preliminar do Pykobyê**. 1999. Dissertação. (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral)-Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1999.

SILVA, J. P. **Língua e inquisição no Brasil de Pombal**. Rio de Janeiro: EdUEJ, s/d.

¹<http://www.trabalhoindigenista.org.br> (acesso em 10/02/2009)